



PERFORMANCES DE MASCULINIDADE COMO MORAL EDUCADORA: O PROJETO REPUBLICANO NA HQ “HISTORIA SEM PALAVRAS” (O TICO-TICO, 1905)

Paulo Eduardo Santos de FARIA¹

1. INTRODUÇÃO

A revista O Tico-Tico, lançada em 1905, foi um dos mais longevos e influentes artefatos da cultura impressa para a infância no Brasil, constituindo-se, conforme aponta Raquel Discini de Campos (2012), como uma fonte privilegiada para a história da educação. Segundo Zita de Paula Rosa (2002), a publicação foi investida de um triplo papel: divertir, informar e formar. Este trabalho parte da premissa de que a função de "divertir", especialmente nas historietas ilustradas, é o campo mais fértil para a análise historiográfica, pois é no aparente descompromisso do entretenimento que a violência simbólica (Bourdieu, 2020) opera de forma mais eficaz, naturalizando hierarquias e moldando as "mentalidades" de uma geração. As HQs, portanto, não eram mero passatempo, mas um poderoso instrumento pedagógico informal, inserindo a subjetividade infantil no projeto civilizatório da modernidade republicana (Elias, 1994).

Dada a riqueza discursiva da revista, esta pesquisa propõe um aprofundamento qualitativo por meio de um estudo de caso exemplar: a historieta "Historia Sem Palavras", presente na primeira edição. Esta obra, de autoria de J. Carlos — um dos maiores ilustradores nacionais, cuja presença marcou a revista desde seu início —, foi escolhida por sua capacidade de condensar, em uma narrativa puramente visual, as complexas dinâmicas de poder, gênero e classe que estruturavam o projeto republicano. Esta fonte permite desvelar os mecanismos de formação da subjetividade de forma particularmente contundente. Surge, assim, a problemática que guia este estudo: de que maneira esta historieta, ao encenar a punição de um homem marginalizado por crianças da elite, funciona como um dispositivo de normalização social? O objetivo, portanto, é dissecar este estudo de caso, mobilizando o arcabouço da teoria social do gênero. Com especial aporte nos conceitos de dispositivo (Foucault, 2014), violência simbólica (Bourdieu, 2020) e hierarquia de masculinidades (Connell; Messerschmidt, 2013), busca-se demonstrar como o entretenimento infantil funcionava como um sofisticado mecanismo para ensinar e naturalizar as assimetrias de poder na sociedade brasileira.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹ Mestre em Artes pela Universidade de Brasília (UnB) e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). E-mail: faria.paulo@gmail.com





A presente pesquisa, de natureza qualitativa e documental, constitui-se como uma operação historiográfica (Certeau, 1985) que elege como fonte um estudo de caso exemplar: a historieta "Historia Sem Palavras", publicada na primeira edição da revista O Tico-Tico (1905). A abordagem trata esta HQ não como mero entretenimento, mas como parte de um dispositivo pedagógico (Foucault, 2014) que, operando sob o disfarce da diversão, visa à produção e regulação de subjetividades. A estratégia consiste em uma análise de cunho qualitativo, aprofundando a interpretação desta fonte, enquanto artefato imagético-textual, para desvelar os mecanismos de poder que a atravessam.

A análise se desdobra em duas etapas metodológicas. Primeiramente, realiza-se uma descrição densa da fonte, utilizando a semiótica discursiva como ferramenta para decodificar a articulação entre os elementos visuais na construção da narrativa e de suas representações de gênero. Em um segundo momento, os indícios levantados são interpretados à luz da teoria social do gênero, com especial aporte em Pierre Bourdieu (2020), para desvelar os mecanismos de violência simbólica; em Raewyn Connell e Michael Kimmel (Connell; Messerschmidt, 2013; Kimmel, 2016), para categorizar as performances de masculinidade hegemônica e marginalizada; e em Michel Foucault (2014) e José Gondra (2009), para contextualizar a cena no âmbito do poder disciplinar e do projeto higienista da época.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise qualitativa da fonte selecionada revela como O Tico-Tico, sob o disfarce da diversão, operava como um sofisticado dispositivo pedagógico, ensinando aos seus jovens leitores não um modelo único, mas uma complexa hierarquia de masculinidades. Através de uma narrativa de punição (disforia), a revista delineia a performance de gênero inaceitável para a formação do sujeito masculino no Brasil da Primeira República, utilizando um estudo de caso exemplar para demonstrar os mecanismos de poder e exclusão social da época.

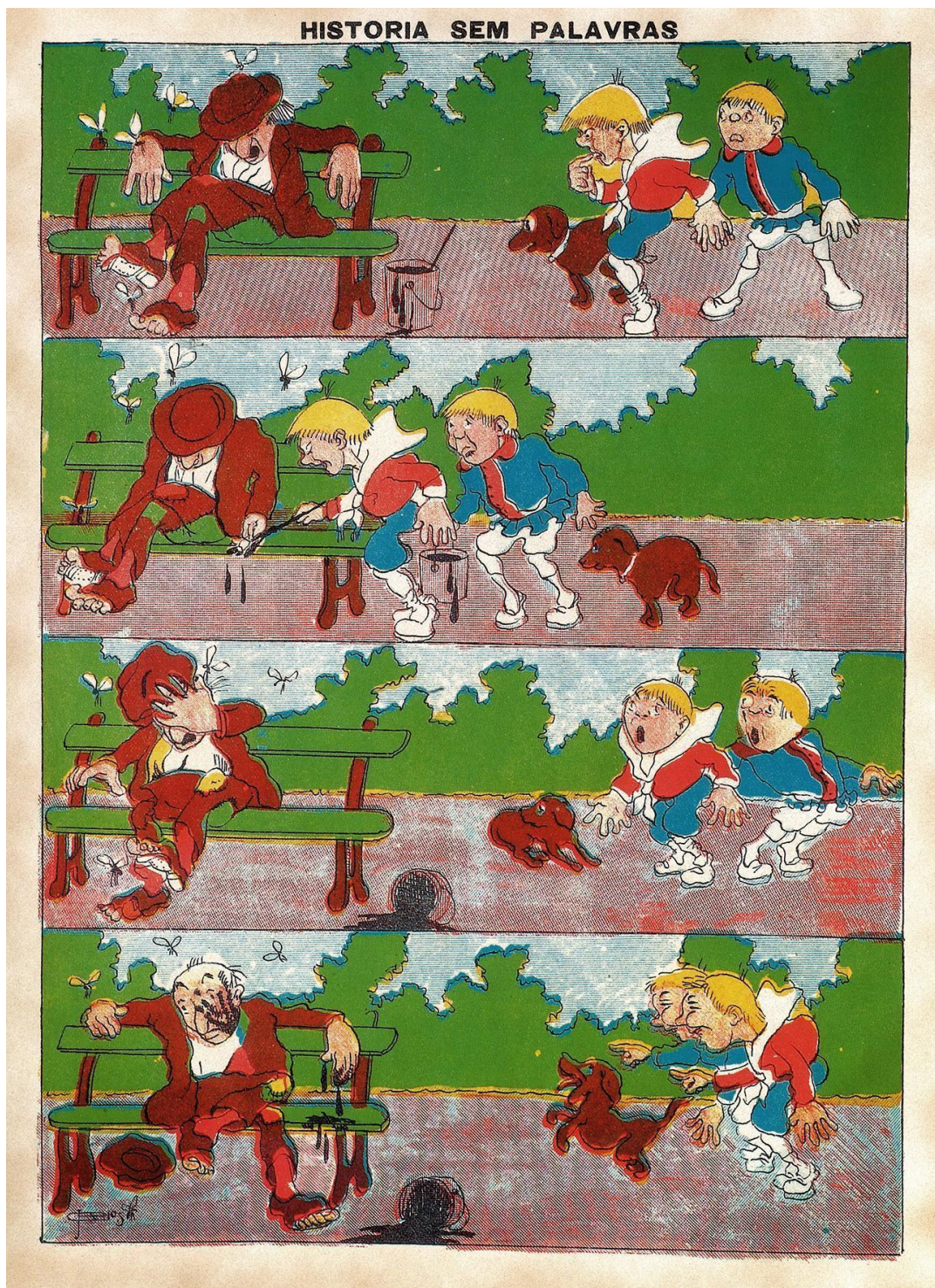
A historieta "Historia Sem Palavras" (Figura 1) encena, através do traço de J. Carlos, um dos mais célebres ilustradores da revista, um microcosmo das tensões sociais e do projeto disciplinar que moldavam o Rio de Janeiro em 1905. A cena se passa em um parque público, onde um homem maltrapilho, descalço e sujo, dorme em um banco, sua inatividade e aparência o marcam como a personificação da marginalidade. Em flagrante contraste, surgem dois meninos loiros, impecavelmente vestidos com uniformes de "marinheirinho" – trajes que evocam ordem, disciplina e higiene –, representando a infância burguesa. A ação central é a "travessura": os meninos usam um pincel e uma lata de tinta para pintar os pés do homem adormecido. A narrativa culmina com o despertar doloroso da vítima e a fuga risonha dos





agressores, que, à distância, continuam a apontar e rir, reforçando a humilhação pública. Embora apresentada como uma "brincadeira de meninos", a cena é uma lição sobre poder, classe e a regulação dos corpos no espaço urbano.

Figura 1 - HISTORIA SEM PALAVRA



Fonte: J. CARLOS (1905, p. 12).

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - PRCEU/USP. Foto: Paulo Faria.





Esta HQ pode ser lida como uma alegoria do poder disciplinar (Foucault, 2014) em sua forma mais capilar e difusa. Como aponta Gondra (2009) ao analisar o período, a modernidade republicana foi marcada por uma "vontade de disciplinar a vida e os corpos", impulsionada por um discurso higienista. O homem no banco, sujo e inativo, representa o corpo "anormal", improdutivo, que o projeto civilizatório via como uma patologia social a ser corrigida ou erradicada. A ação dos meninos, portanto, transcende a travessura; ela funciona como um exercício de vigilância social e uma sanção normalizadora aplicada ao corpo desviante. Ao apresentar a cena como cômica e sem qualquer repreensão, a revista legitima essa forma de policiamento, ensinando que a manutenção da norma é uma tarefa de todos, inclusive das crianças "de bem", que se tornam agentes da disciplina.

A narrativa encena, assim, a punição da masculinidade marginalizada (Connell; Messerschmidt, 2013), a forma disfórica por excelência. Aqui, a violência simbólica (Bourdieu, 2020) opera de forma explícita, transformando a crueldade de classe em um espetáculo pedagógico. A história ensina uma lição brutal sobre a hierarquia de masculinidades: a masculinidade hegemônica em formação – a dos meninos brancos, limpos e ordeiros – se afirma e se constrói através da humilhação pública da masculinidade subordinada do "outro". A performance dos meninos é um ato de aprovação homosocial (Kimmel, 2016); eles não agem para o homem adormecido (que é um objeto), mas um para o outro, reforçando seus laços e seu status dentro do grupo dominante. A risada final, e a cumplicidade do leitor convidado a achar a cena engraçada, selam o pacto de exclusão, naturalizando a ideia de que alguns corpos são dignos de formação, enquanto outros são meros objetos de escárnio e correção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aprofundada da historieta "Historia Sem Palavras" confirma a tese central desta pesquisa: a de que a função de "divertir" na revista O Tico-Tico era o veículo privilegiado através do qual a publicação cumpria seu papel de "formar", operando como um potente dispositivo pedagógico para a construção da subjetividade masculina republicana. O estudo de caso demonstrou como uma narrativa cômica e sem palavras, longe de ser um entretenimento inócuo, encenava uma complexa lição sobre poder, classe e gênero. A punição do homem marginalizado, apresentada como uma travessura legítima, funcionava como uma sanção normalizadora (Foucault, 2014) que ensinava ao jovem leitor os limites do aceitável no espaço público higienizado e disciplinado da modernidade.

A contribuição deste trabalho para a história da educação e para os estudos de gênero reside, portanto, em desvelar, através de um estudo de caso exemplar, os mecanismos da





violência simbólica (Bourdieu, 2020) na cultura impressa infantil. A análise demonstrou como a masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) não se constrói apenas pela afirmação de um ideal positivo, mas, crucialmente, pela humilhação e exclusão de suas formas subordinadas e marginalizadas. Ao transformar a crueldade de classe em um espetáculo cômico, O Tico-Tico não apenas refletia as "mentalidades" de seu tempo, mas ativamente as produzia, ensinando a uma geração de meninos não apenas como "ser homem", mas contra quem eles deveriam sê-lo, naturalizando as assimetrias de poder que fundamentavam o projeto civilizatório brasileiro.

5. AGRADECIMENTOS/ AGÊNCIA DE FOMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 1 [28], p. 45-70, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38775>. Acesso em: 26 out. 2025.

CARLOS, J. [José Carlos de Brito e Cunha]. **HISTORIA SEM PALAVRAS. O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, Ano I, n. 1, p. 12, 11 out. 1905.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes. v. 1**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONDRA, José Gonçalves. Disciplina, corpo e civilização. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 23, n. 45, p. 65-100, 2009. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v23n45a2009-2175. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2175>. Acesso em: 26 out. 2025.





KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. Tradução de Sandra Mina Takakura. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 97–124, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910>. Acesso em: 26 out. 2025.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico: Meio século de ação recreativa e pedagógica**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio (org.). **O Tico-Tico: Centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil**. Vinhedo: Opera Graphica Editora, 2005.

